

Resumo: *Partindo do jardim do Éden, o autor reflete sobre o mistério da criação, obra do amor misericordioso de Deus, socorrendo-se da mística ortodoxa. A história espiritual do Oriente atesta o despertar de uma corporeidade pneumática (milagres de luminosidade, vitória sobre o peso, sobre o tempo e o espaço), fruto de quem "tornou pura a terra de seu corpo" com uma experiência não individual, mas eclesial: a de quem recuperou, numa perspectiva escatológica, a condição paradisíaca. Todo o ambiente da natureza é iluminado ao seu redor. A contemplação da natureza é um dos aspectos principais da mística ortodoxa. É uma contemplação ativa, porque a transformação do coração e do olhar realmente transforma o mundo. É uma contemplação da interioridade dos seres e das coisas, do mundo, assim como Deus o pronunciou em seu Verbo e recriou na encarnação desse Verbo.*

Abstract: *Beginning with the narrative of the Garden of Eden, the author envisages the mystery of creation as a work of a compassionate God from the point of view of mysticism developed in Orthodox theology. The spiritual history of the Orient stresses the awakening of the notion of spirit detached from corporeity (miracles of luminosity, victory over weight, time and space). This connotation arises from changes of a "body freed from the soil of his body" and from individual experience opening up to an ecclesial sphere, and from an eschatological perspective arriving at a paradisiacal state. All the environment of nature is enveloped in a radiance of light. The contemplation of nature is one of the principal aspects of Orthodox mysticism. To be sure, it is an active contemplation of the internal core of beings and things, as well as of the world just as God has given its name together in the Word and recreated it in the incarnation of the Word.*

A criação geme em dores de parto: CF-2011

O mistério da criação do nada, do amor

*José Artulino Besen**

* O autor é professor de História da Igreja, no ITESC, desde 1976. Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e da Academia Catarinense de Letras, tem publicado muitos livros e artigos na sua área de especialização.



“O Senhor Deus plantou um jardim no Éden e nele colocou o homem que havia formado. ... O Senhor Deus o estabeleceu no jardim do Éden para cultivar o solo e o guardar” (cf. Gn 2,8.15). A narração bíblica revela o carinho de Deus: planta um jardim, planta fruteiras, flores, tudo com uma finalidade definida: fazer o homem sentir-se bem e, desde já, preparar o chão por onde caminharia seu Filho. Milênios depois, quando Jesus contempla as colinas da Galileia, o lago de Tiberíades, a Judeia, o mar Mediterrâneo, o deserto, recordará a obra de seu Pai, feita para ele e para todos aqueles que receberam o sopro divino.

Ao contemplar sua obra, Deus a julgou bela-e-bona (*tov*), muito bela (Gn 1,31), de uma beleza-e-bondade extensiva a toda a sua obra. O mundo, de alguma forma, encanta, fascina também a Deus. O amor de Deus pelo homem é sem limites: “O homem foi criado como um cofre tão grande, a ponto de conter o próprio Deus”¹.

Mas, o homem e a mulher não detêm exclusividade no jardim de Deus: tudo e todos, animados e inanimados, fazem parte dele. Infelizmente, o pecado inverteu a ordem divina: o mundo foi entregue ao homem e à mulher *para que cultivassem o solo e o guardassem*. Um jardim tem de ser renovado com carinho, necessita de novas plantas e flores: cultivar e guardar. A inversão operada pelo pecado trouxe a noção de “dominar” – que é positiva: ser o senhor, agir como dono - mas adquiriu sentido negativo: sou dono, me pertence, faço o que quero e cada um que se arranje. O “dono” da casa cuida da casa, quem não é dono a explora no seu interesse, não se preocupando com a decadência, os cupins, a umidade, a ruína.

A criação é sempre geradora de vida: a transformação de seus elementos forma o corpo humano, o faz crescer e o nutre. Se algum de nós quisesse se isolar da criação, morreria de inanição, pois estaria privado da vida. Somos terra/pó, à terra/pó retornamos. Sem desespero, mas na alegria de nossos restos poderem gerar novas vidas.

O pecado não impede mais um gesto perfeito do amor paterno: Deus dá seu Filho ao mundo e o mundo a seu Filho. Quando o Verbo

¹ CABASILAS, Nicolás, séc. XIV



se faz Carne, a carne se faz Verbo. O mundo ofereceu os elementos naturais para a formação do corpo de Jesus e garantiu-lhe o sustento e crescimento. Na encarnação há a renovação da unidade original, da harmonia querida pelo Pai.

O mesmo Filho que contemplou a obra da criação agora nela vive e a contempla bela, sim, mas prejudicada pelo pecado: as posses exclusivistas, as faces sofridas de tantos marcados pela fome, doença, vítimas da injustiça. E seu olhar de Filho é tomado pela misericórdia, donde nada é excluído: uma imensa compaixão pelos seres humanos, pelos pecadores, pelos vegetais, animais, seres animados e inanimados.

O Senhor sabe que tudo lhe pertence, mas tudo partilha. Ele vem para que tudo tenha vida, recupere a beleza original. Somente os corações misericordiosos iguais ao dele geram beleza, porque em tudo sentem a beleza. Quando Francisco de Assis com carinho depositava uma brasa no chão, para que não se ferisse, era movido pela misericórdia. Os animais também sentiam essa misericórdia e por tudo Francisco entoava o “Canto das Criaturas”: tudo é de Deus, tudo canta sua glória.

Misericórdia que regenera

A misericórdia de Jesus, expressa de modo perfeito e definitivo na Cruz e na Ressurreição, atinge toda a obra divina e assim *“a criação inteira geme ainda agora nas dores do parto. E não só ela: também nós, que possuímos as primícias do Espírito, gememos interiormente, esperando a adoção, a libertação para o nosso corpo”* (Rm 8,22-23).

O gemer da criação abrange o doloroso estado atual e a espera de um futuro estado glorioso. O mundo material e inanimado será associado à glorificação do corpo do homem no Cristo ressuscitado. Toda a obra divina geme, penetrada pelo Espírito, ao sentir a misericórdia do Filho. Como poderia resistir indiferente ao ver suas lágrimas penetrarem no solo, seu sangue fecundar o chão do Calvário?

É motivo de lamento a pouca importância que damos ao Jardim onde estamos colocados, vendo nele apenas instrumento de posse, exploração, consumo, desperdício. O mundo, porém, não é tão sem



importância, inútil, ilusório: Cristo veio para morrer aqui. Aqui esteve para salvar a obra divina. Aqui derramou o Espírito de vida e santidade. Não somente o homem tem a vocação de ser novo: a ressurreição e a transfiguração visam novos céus, nova terra, a nova Jerusalém (cf. Ap 21,1-2).

À medida que lavamos nossos olhos com as lágrimas do Senhor, também somos tomados pela misericórdia. E tudo gerará, sentindo nosso coração misericordioso que não poderá ouvir ou ver qualquer sofrimento, mesmo na menor criatura, pois nossa misericórdia será à imagem da misericórdia divina.

Ascese e corpo espiritual

O corpo penetrado pela luz a comunica ao ambiente cósmico dele inseparável. A criatura é ordenada para a graça, a ponto de não se completar a não ser na união com Deus; a natureza humana, restaurada em Cristo, desde sua estrutura corporal é um instrumento para tomar consciência da graça, um suporte para a divinização, um “templo do Espírito Santo”: *“glorificai a Deus no vosso corpo”* (1Cor 6,20). O sangue é a água vital “pneumatizada”, incorporada pelo fogo, fogo do Espírito Santo que transforma o “corpo psíquico” em “corpo espiritual”. Possuir o seu sangue em espírito para oferecê-lo ao fogo eucarístico significa comunicar esse fogo libertador ao sangue dos animais, à linfa das plantas, ao oceano informe que espera ser reabsorvido no *“mar de cristal misturado com fogo”* de que fala o Apocalipse (Ap 15,2) e que faz os justos cantarem *“grandes e admiráveis são tuas obras, Senhor, Deus todo poderoso”* (Ap 2,3). Um mesmo sangue deificante passa de um coração ao outro, atravessando o coração do Mestre, e secretamente irriga os seres e as coisas².

² Na Divina Liturgia de São João Crisóstomo o sangue como água vital incorporada pelo fogo do Espírito Santo é simbolizado pelo derramar de um pouco de água quente – temperatura do Sangue – no cálice após a ebulição (Zéon - ebulição) com as palavras traçando a cruz: “Bendito ✕ seja o fervor dos teus santos, eternamente, agora e sempre e pelos séculos do séculos”. Derramando a água: “O fervor da fé, cheio do Espírito Santo. Amém”. Segue-se a Comunhão.



O universo, recordemos, está no homem quando o homem está em Cristo. Ao descermos à raiz da matéria e da vida, ao crucificarmos a sexualidade cósmica para transformá-la em força regenerante, colocamos em movimento correntes corpóreo-espirituais reais que se apoderam, progressivamente, de seu ambiente material e o espiritualizam. Transformar os sentidos em “sentidos espirituais” é perceber as coisas não mais segundo a morte, mas segundo o Espírito, como Deus as vê, na sua interioridade espiritual. Tudo isso é obra do amor: “*Deus nos deu a conhecer o mistério de seu plano e sua vontade, ... o desígnio de, em Cristo, reunir todas as coisas: as da terra e as do céu*” (cf. Ef 1,9-10).

A contemplação da natureza

A história espiritual do Oriente atesta o despertar de uma corporeidade pneumática (milagres de luminosidade, vitória sobre o peso, sobre o tempo e o espaço), fruto de quem “tornou pura a terra de seu corpo” com uma experiência não individual, mas eclesial: ele recuperou, numa perspectiva escatológica, a condição paradisíaca³. Todo o ambiente da natureza é iluminado ao redor dele.

A contemplação da natureza é um dos aspectos principais da mística ortodoxa. É uma contemplação ativa, porque a transformação do coração e do olhar realmente transforma o mundo. É uma contemplação da interioridade dos seres e das coisas, do mundo, assim como Deus o pronunciou em seu Verbo e recriou na encarnação desse Verbo.

Máximo, o Confessor⁴, insiste que é importante recolher a interioridade espiritual dos seres não para possuí-los, mas para apresentá-los a Deus como ofertas da parte da criação. Nesse gesto, o homem deixa de coisificar o universo pela sua cobiça e cegueira, para identificá-lo com o “Corpo de Deus”. Sua presença exorciza, pacífica e passa a compreender a linguagem da criação. Diz o Pere-

³ MACÁRIO, o Grande, *Homilias Espirituais*.

⁴ MÁXIMO, o Confessor, *Mistagogia 2*.



grino Russo: “Quando rezava com o coração, tudo ao redor de mim aparecia no seu melhor aspecto... tudo rezava e dava glória a Deus. Compreendi então o que se chama *conhecimento da linguagem da criação*, através da qual o homem pode conversar com as criaturas de Deus”. Poderíamos citar o verso de Paul Claudel: “Somente a alma purificada pode compreender o perfume da rosa”.

Nessa oração, uma caridade cósmica comove o espiritual, na imagem que Paulo expressa com os “*gemidos da criação*” (Rm 8,22). Isaac, o Sírio, afirma que nesse momento somos transformados num coração misericordioso: é o incêndio do coração por cada criatura, até pelos demônios. À vista de cada criatura, os olhos do orante derramam lágrimas, pois é violenta a misericórdia que aperta seu coração devido à sua grande compaixão, como já vimos.

Espiritualidade e vocação cósmica do cristão

A luz da alta espiritualidade não anula, mas reilumina a vocação cósmica do cristão que vive no mundo. Olivier Clément divide essa vocação em três temas: *o alimento, o amor nupcial e o trabalho*.

O alimento: “O alimento é a nossa comunhão natural com a carne do mundo”⁵. Quando se abençoa o alimento, o trabalho que o produz, estamos negando o “saque do planeta”. Passamos da relação de vampiros com a natureza – comer para ser comidos – a uma relação eucarística, que torna Deus presente nos ciclos vitais da natureza. Os Santos Pais, como Gregório de Nissa⁶, insistem na afirmação de que os elementos naturais passam incessantemente de um corpo ao outro e, desse modo, o universo é um só corpo. Para eles, a terra tem somente Deus como dono, e a bênção do alimento supõe sua benéfica circulação, justa divisão. A uma cosmologia de comunhão segue-se uma sociologia de comunhão.

⁵ BULGAKOV, Sergei, *L'Orthodoxie*.

⁶ GREGÓRIO de Nissa, *Os seis dias*.



O jejum é inseparável dessa consagração do alimento, pois é o único caminho que nos liberta da voracidade egoísta, fruto do pecado. Ajuda a transformar a vida cósmica numa perspectiva paradisíaca e, sobretudo, permite a indispensável partilha com os pobres.

Para Clément, a espiritualidade do jejum permite aos cristãos enfrentar uma civilização de consumo e abundância, de arrogância que inclui apenas uma minoria. É o alimentar-se de Cristo no amor pelo pobre: “*tive fome e me deste de comer*” (Mt 25,35). Deus nos dá o necessário que sobra, para fazer o bem.

A bênção, o respeito pela terra, a submissão a toda a vida na sua fecunda beleza, a partilha com os pobres, nos fazem convergir para transformar a terra em Eucaristia, de modo que o comer para ser comida torne-se comer Deus em toda a nossa vida para sermos comidos por ele em toda a nossa morte.

O trabalho: as civilizações oscilam entre dois polos: retornar ao paraíso através da *festa, da arte e do repouso*, quando o homem se maravilha gratuitamente com a natureza – e o *trabalho* como “humanização” do universo, transformação da matéria do mundo num corpo que pertence a todos os homens⁷. Graças ao trabalho, que engloba saber científico e poder técnico, o homem é chamado a colaborar com Deus para a salvação do universo.

Infelizmente, o Ocidente, na revolução técnico-industrial, nada tinha em seu patrimônio espiritual que lhe permitisse fecundar com a luz tabórica o lance das ciências e das técnicas. Esse lance coincidiu com um verdadeiro exílio de Deus no céu. A insistência do resgate pelos méritos de Cristo e não pela divinização, no Deus feito homem, de toda a carne da terra, a escolástica substancialista que tornava quase impossível a percepção das energias divinas que realmente penetram o universo, contribuíram para amputar, no Ocidente, o seu alcance cósmico da redenção. A Reforma e a Contra Reforma tornaram-se a religião da alma, na linha de “Deus e minha alma” agostiniana, e tornou-se moral ativa,

⁷ BULGAKOV, Sergei.



conquistadora (época das conquistas, das destruições), sem capacidade de metamorfose ontológica.

Aqui, sobretudo, o cristão é chamado a ser um homem litúrgico. Não existem fronteiras à irradiação da liturgia. Nós somos sacerdotes e reis e, no conhecimento da natureza como na sua transformação, é próprio de nós vivermos a grande eucaristia cósmica: “Os teus dons, de ti recebidos, a ti oferecemos em tudo e por tudo”.

O amor nupcial: no verdadeiro amor, o *eros* (a patrística logo abandonou o termo *agápe*) não é interiorizado, mas expresso no interior de um encontro pessoal que, na sua ordem, reproduz a união de Cristo e da Igreja, do Logos e da carne santa da terra. Para quem ama assim, o mundo é uma casa onde nada é impessoal. O amor cego e mortífero é transformado em festa de encontro, de síntese, que restabelece um dos maiores sinais da ruptura: a dominação e divisão egoístas. Os esposos pedem a Cristo que renove por eles e através deles o milagre de Caná, para transformar o lance cego do *eros* em vinho eucarístico. O casal é chamado a estabelecer um pacto nupcial com a terra. Transfigurar a vida cósmica num autêntico encontro nupcial é preparar o surgimento de uma nova terra.

O primeiro milagre de Cristo é o das núpcias em Caná: Cristo transforma no vinho de amor apaixonado a água da ordinária relação procriadora. O cristianismo introduziu uma revolução fundamental, já anunciada no Cântico dos Cânticos: é o aparecimento da pessoa, em contraste com o simples jogo da multiplicação da espécie. A união com Deus agora aparece como uma comunhão, cujo símbolo é o amor fiel entre o homem e a mulher. A mulher é afirmada como pessoa e não como ser-para-a-procriação. A dimensão do corpo dá lugar ao rosto, o rosto de uma pessoa que se realiza *livremente* na fé, numa ligação única com o Deus vivente.

O *eros* físico não é renegado, mas é iluminado e ilumina, transfigurando o *eros* cósmico. *João Clímaco*⁸ serve-se de belas expressões para designar essa transformação: “O *eros* físico deve ser teu modelo

⁸ CLÍMACO, João, *Escada do Paraíso*, 26,153; 30,198.



para teu desejo de Deus” e “Feliz aquele que tem por Deus uma paixão tão violenta como a do amante pela amada”.

Nos extratos mais profundos da alma, o mistério da terra está ligado ao da feminilidade, tão bem simbolizado no Cântico que é, ao mesmo tempo, canto de amor e símbolo da união de Deus com seu povo, sua terra, com cada alma fiel. Terra-mulher porque é materna, pois acolhe em seu ventre materno os mortos nela sepultados, e dos restos mortais sucessivamente gera novas vidas, que faz da vida, transformada em alimento e tornada em excremento, adubo que gera nova vida. Terra/matéria que geme em dores de parto, esperando sua gloriosa transfiguração.

O homem litúrgico

Os “mistérios” da Igreja, ou seja, os diversos aspectos da Igreja como sacramento de Cristo no Espírito Santo, constituem o centro e o sentido da vida cósmica. As coisas existem para as orações, as bênçãos, as transfigurações. Na celebração, na qual o Espírito Santo atualiza e manifesta a morte e a ressurreição de Cristo, o “*corpo de morte*”, não ainda abertamente, mas “em mistério” e pela fé, se enche pouco a pouco de eternidade, esboça a própria metamorfose em “corpo de glória”. A Igreja, enquanto mistério de vida, põe-se como centro que irradia a existência cósmica.: “A matéria recebe em si mesma a força de Deus”. O poder separador, mágico, de Satanás, é exorcizado; e o mundo material, “sob o véu do sacramento” responde à sua primeira vocação de ser carne de comunhão entre o homem e o seu Deus⁹. As epicleses de todas as ações sacramentais constituem como que uma continuação do Pentecostes, um soprar do Espírito para a nova criação, a retomada, num novo dinamismo, do “pentecostes cósmico” das origens.

As energias divinas penetram a água do batismo e o óleo do santo crisma, os noivos no matrimônio, o doente ungido. E tudo culmina na

⁹ GREGÓRIO de Nissa, *O Batismo de Cristo*.



transformação eucarística, na qual o pão e o vinho são *transfigurados* (o Oriente prefere essa palavra a “transsubstanciados”).

Para *Irineu de Lião*¹⁰, séc. II, nós oferecemos toda a natureza, para que ela inteira se torne eucaristia. Na Oração Eucarística de *Cirilo de Jerusalém*¹¹, séc. IV, “fazemos memória do céu, da terra, do mar, da lua, das estrelas, de toda a criação racional e irracional, visível e invisível”. *Máximo o Confessor*, séc. VII, sublinha a correspondência entre a liturgia eclesial e a liturgia cósmica, entre a igreja, com o santuário e a nave, e o mundo sensível e inteligível: “a igreja tem como céu o Santo dos Santos e como terra a nave em toda a sua beleza”. No inverso, o mundo é uma igreja. Já o homem, deve fazer do corpo uma nave e, da sua alma, o Santo dos Santos no qual oferece os seres do universo.

Resumindo, “ao recolhermos a interioridade espiritual dos seres, o mundo se revela como uma igreja: a nave é o universo sensível, os anjos são o coral e o espírito do homem em oração o santo dos santos: “Assim a alma se refugia como numa igreja e num lugar de paz na contemplação espiritual da natureza; ela ali entra com o Verbo e, com ele como nosso Sumo sacerdote, sob a sua guia, oferece o universo a Deus no seu espírito como num altar”¹² “Para o homem que reza em seu coração, o mundo inteiro é uma igreja”¹³.

No batismo, o ministro unge a fronte do batizado pedindo que “como rei, sacerdote e profeta, continue no seu povo até a vida eterna”. Tantas vezes falamos de nosso tríptico múnus de “reis, sacerdotes e profetas”. E, na maioria das vezes, nos esquecemos que esse múnus tem dimensão cósmica. É por ele que celebramos a grande liturgia que responde aos gemidos da criação.

Para encerrar, o belo hino de Sergei Boulgakov¹⁴:

¹⁰ IRINEU de Lião, *Adv. Haereses*, 4,18,5.

¹¹ CIRILO de Jerusalém, *Catequeses mistagógicas* 5,6.

¹² MÁXIMO, o Confessor, *Mistagogia* 2.

¹³ SILVANO do Monte Athos † 1938.

¹⁴ BOUIGAKOV, Sergei, “*Luz sem ocaso*”.



*“De ti, terra mãe, nasceu a carne que deveria gerar o Deus feito carne.
De ti tomou seu puríssimo corpo, em ti repousou três dias no sepulcro.
De ti germinam o trigo e a videira, que se tornam corpo e sangue de
Cristo...
No silêncio, tu guardas a plenitude e a beleza inteira da criação”.*

O mundo e toda a criação são tão preciosos a Deus que podemos afirmar, com o exegeta Barthélemy¹⁵, que Deus é imanente: acolher os pequenos, é acolher a Deus (Zc 2,12; Lc 9,48; Mt 25,40); ele e o Filho vêm a nós e em nós estabelecem sua morada (Jo 14,23; 17, 21.26); Deus é infinitamente imanente: *“O Verbo se fez carne”* (Jo 1,14). E acima de tudo, o por quê da grandeza da Terra Mãe e do amor divino por ela: em suas entranhas formou-se a Mãe de Deus.

Bibliografia:

- BÍBLIA SAGRADA – tradução ecumênica, TEB, São Paulo: Edições Loyola, 2. ed., 1995.
- BARTHÉLEMY, Dominique. *Il povero scelto come Signore*. Bose: Ed. Qiqajon, 2010.
- BERNARDINO, A.; SIMONETTI, Manlio. *Dicionário de Literatura Patrística*. São Paulo: Editora Ave Maria, 2010.
- BOULGAKOV, Sergei. *La lumière sans déclin*. Lausanne, 1990.
- BOULGAKOV, Sergei. *La Sagesse de Dieu*. Lausanne, 1983.
- CABASILAS, Nicola. *La Vita in Cristo*. Roma: Città Nuova, 2000. Trad. Maria Gallo.
- CLÉMENT, Olivier. *Il senso della terra*. Roma: Lipa, 2007.
- CLÉMENT, Olivier. *L’oeil de feu*. Fata Morgana, 1994.
- EVDOKIMOV, Pavel. *A loucura do amor de Deus*. São Paulo: Paulus.
- GREGÓRIO DE NISSA. *Sul batesimo di Cristo*: PG 46, 581B.

¹⁵ BARTHÉLEMY, Dominique, 1921-2002.



IRINEU DE LIÃO. *Adversus Haereses* (Contra as Heresias). São Paulo: Paulus, 2. ed., 1995. Tradução de Hércion Ribeiro.

JOÃO DAMASCENO. *De fide orthodoxa*. PG 95,60D.

LOSSKY, Vladimir. *Conoscere Dio*. Bose: Ed. Qiqajon, 1996.

MÁXIMO O CONFESSOR. *Questioni a Talassio*, prólogo: PG 90, 257D; 260A.

MÁXIMO O CONFESSOR. *Mistagogia 2*: PG 91, 697D-700A.

MÁXIMO O CONFESSOR. *Ambígua*, PG 91,1360AB.

TILLARD, Jean-Marie. *Carne della Chiesa, Carne di Cristo*. Bose: Ed. Qiqajon, 2006.

ZIZIOULAS, Ioannis. *A criação como Eucaristia*. São Paulo: Itesc e Mundo e Missão, 2001. Trad. José Artulino Besen.

E-mail do Autor:

E-mail: jabesen@terra.com.br

Blog: pebesen.wordpress.com